



ANAIS

**II ENCONTRO DE GEOGRAFIA DO CAMPO DAS
VERTENTES**

São João Del-Rei, 25 a 27 de outubro de 2012.

EIXO TEMÁTICO: MOVIMENTOS SOCIAIS E GEOGRAFIA

**São João del-Rei – UFSJ
Outubro de 2012.**



II ENCONTRO DE GEOGRAFIA DO CAMPO DAS VERTENTES

GEOGRAFIA: PLANEJAMENTO E ORDENAMENTO TERRITORIAL

Este eixo temático refere-se ao planejamento regional, analisando as formas de uso e conservação do território e do ambiente, em prol da sustentabilidade. Diferentes ações - ligadas ao planejamento, em âmbito científico, educacional, técnico, político e administrativo - podem ocorrer de maneira isolada ou integrada. Tais ações devem ser compartilhadas e debatidas, considerando sua potencialidade quanto à diversidade, especificidades e importância nas diferentes esferas sociais de formação. Questiona-se: o quê tem sido pensado, discutido e produzido, em âmbito acadêmico e escolar, que pode contribuir, de maneira direta ou indireta, para reflexões sobre as atuais transformações no espaço geográfico? Como essas ações podem contribuir para o planejamento territorial de diferentes regiões e, em especial, à mesorregião do Campo das Vertentes? Este evento objetiva promover diálogos e divulgação de trabalhos e pesquisas, realizados por alunos de graduação, pós-graduação, professores da escola básica e do ensino superior, que se dedicam a pensar sobre a referida temática. Acredita-se no potencial da socialização de experiências e incentivos à produção, ao registro e à divulgação de trabalhos e pesquisas produzidas, no que diz respeito às práticas e teorias que permeiam as ações formativas e que ajudam a pensar o espaço geográfico.

Comissão Organizadora (Docentes)

Profa. Dra. Carla Juscélia de Oliveira Souza
Prof. Dr. Leonardo Cristian Rocha
Prof. Dr. Múcio do Amaral Figueiredo

Comissão Organizadora (Discentes)

Arlon Cândido Ferreira
Francisco José Ferreira
Ítalo Sousa de Sena

Comissão Científica

Profa. Dra. Carla Juscélia de Oliveira Souza
Prof. Dr. Ivair Gomes
Prof. Dr. Leonardo Cristian Rocha
Profa. Dra. Ligia Maria Brochado de Aguiar
Prof. Dr. Márcio Roberto Toledo
Prof. Dr. Múcio do Amaral Figueiredo
Profa. Dra. Sílvia Elena Ventorini
Prof. Dr. Vicente de Paula Leão



SUMÁRIO

A Agroindústria Artesanal Inserida na Agricultura Familiar na Mesorregião das Vertentes	1
Kamilla Carvalho Dotta Siqueira Lígia Maria Brochado de Aguiar	
Territórios de Esperança e Luta: Nos Assentamentos Rurais	5
Francisco José Ferreira	



A AGROINDÚSTRIA ARTESANAL INSERIDA NA AGRICULTURA FAMILIAR NA MESORREGIÃO DAS VERTENTES

Kamilla Carvalho Dotta Siqueira

Universidade Federal de São João del-Rei
kamilladotta@yahoo.com.br

Lígia Maria Brochado de Aguiar

Universidade Federal de São João del-Rei
ligbroaguiar@ufs.edu.br

Palavras-Chave: Agroindústria Artesanal do Milho; Agricultura Familiar; Circuito Espacial de Produção e Círculos de Cooperação.

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho de iniciação científica apresentamos nossas reflexões e passos preliminares da pesquisa que estamos desenvolvendo no Programa de Iniciação Científica – PIBIC – CNPq.

A primeira questão problemática que se coloca sobre o tema proposto refere-se à sua inserção na agricultura familiar. Nas políticas de redefinição das formas de integração desta categoria ao capitalismo, segundo Abramovay e Veiga (1992, p. 21-2), o foco está em como integrá-la ao mercado, em definir o papel do agricultor familiar, também, chamado de pequeno produtor e, o papel do Estado no desenvolvimento das políticas públicas e, a incorporação de tecnologias.

Podemos contrapor a esta perspectiva de análise aquela presente nas obras de Kautsky (1986) e Lênin (1985) para quem o desenvolvimento do capitalismo no campo levaria à destruição da agricultura familiar, mais do que à sua recriação em suas diferentes escalas (posseiro, assentado, renteiro, pequeno produtor).

O argumento utilizado para sustentar esta tese é que para que o camponês continue sendo produtor familiar, sua luta tem que ser contra o capital e, sua integração ao mercado. A definição de agricultura familiar, utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é, portanto, considerada descritiva e classificatória. As políticas públicas para este



setor, por sua vez, são orientadas por uma concepção teórica e analítica “localista” que domina o debate sobre o desenvolvimento territorial e, tem como suposto um novo padrão de desenvolvimento alavancado por uma vontade empreendedora capaz de mobilizar as potencialidades presentes no “clima local dos negócios”.

Nossa proposta de pesquisa, embora, permeada por esse debate, sem prejuízo para uma abordagem interdisciplinar, tratará o tema proposto a partir da dimensão geográfica dos circuitos produtivos e dos círculos de cooperação porque o leque de possibilidades analíticas se amplia permitindo compreender melhor a organização do território pelas empresas e a sua busca pela integração funcional dos lugares, das regiões, bem como, compreender o papel desempenhado pelo espaço no conjunto da atividade econômica produtiva, desde sua localização, até a apreensão de seu movimento, ou seja, dos fluxos que o atravessam como produtos, dinheiro, ordens, ideias, informação.

METODOLOGIA

No contexto da pesquisa qualitativa, a metodologia da pesquisa-ação será a nossa referência. Os procedimentos de pesquisa como a coleta, o tipo e a quantidade de dados deverão ser consistentes em relação à perspectiva da pesquisa-ação, isto é, em relação a posição conceitual e teórica que adotamos para a pesquisa.

Primeiramente, identificar claramente o problema de pesquisa definindo que tipo de dados precisam ser coletados para atingir os objetivos propostos, ou responder as questões de pesquisa, segundo os recursos e oportunidades de fato disponíveis. A pesquisa de campo será realizada nessa fase, com o levantamento e caracterização da área de estudo, documentação fotográfica.

Depois, definição dos métodos de coleta de dados: entrevistas semi-estruturadas, conversas com um propósito definido, presença em reuniões das associações de agricultores cuja produção é familiar, realizando anotações de campo e observação descritiva e registro; visita às instituições ligadas à agricultura no município para busca em arquivos de dados e documentos disponíveis referentes à pesquisa.

O passo seguinte será a organização dos dados e informações coletados e estabelecer as relações com as questões de pesquisa para realizar a sua interpretação, a produção de



mapas geo referenciados que permitam visualizar os circuitos espaciais produtivos, os círculos de cooperação, bem como, o sistema logístico.

A pesquisa bibliográfica será contínua com o objetivo de tomar conhecimento de outras pesquisas importantes na área: procurar em catálogos computadorizados de biblioteca, on-line usando sites de busca, bancos de dados eletrônicos, usar índices de citações para identificar autores importantes no campo de pesquisa, além de organizar e manejar informações geradas pela leitura.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A área de estudo proposta nesse trabalho é a microrregião de São João del-Rei definida por suas estruturas de produção quanto a organização do espaço no contexto da mesorregião do Campo das Vertentes - MG que como elemento de articulação espacial, precisam ser representativas da realidade socioeconômica, pois uma falsa ideia desta realidade compromete o “ planejamento e a execução de política de intervenção espacial”. Discutir circuito espacial de produção é discutir a espacialidade relacionada com a as condições de produção, distribuição, troca e consumo, juntamente com a circulação que ganha destaque, demonstrando o caráter essencial dos fluxos para realização da produção, pois o espaço é um conjunto de fatores e funções que condiciona e profundas transformações no arranjo territorial do Estado que justifica esse trabalho, cuja finalidade é a verificação dos circuitos espaciais produtivos e os círculos de cooperação da agroindústria artesanal na mesorregião das vertentes analisando seus principais aspectos técnicos e normativos além de sua logística de reprodução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse projeto foi elaborado para observar como é a lógica do território local/regional, e compreender sua organicidade que, cada vez mais, vulnerável, captura os fluxos de mais valia subordinando-se a lógica das redes e não do território. Diante dessa classificação, entender os processos pelos quais a Agroindústria convencional subordina a produção, na comercialização e na transformação o padrão de desenvolvimento da Agroindústria familiar, principalmente, interpretar os desdobramentos no que se refere ao (des) enraizamento dos territórios regionais



e o papel desempenhado pelo espaço no conjunto da atividade econômica produtiva. Em geral este trabalho aqui realizado, tem como principal objetivo, aprofundar os estudos na agroindústria artesanal da microrregião de São João del-Rei, especulando suas fases de transformação e inserção ao sistema capitalista através dos circuitos espaciais e círculos de produção para determinar a sua importância no contexto da agricultura familiar e Mesorregião das Vertentes.

REFERÊNCIAS

Censo Agropecuário 2006. Agricultura Familiar. Brasil. Grandes Regiões e Unidades da federação. MDA/MPOG. 2009.

CASTILLO, Ricardo e FREDERICO, Samuel. Espaço Geográfico, Produção e Movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22(3): 461-474, dez. 2010.

SANTOS. Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado**. Hucitec: SP, 1994.

Souza, J de P. e Filho Fernandes, J. F. Evolução Recente da Agroindústria Artesanal em Minas Gerais. UFU/Economia. Uberlândia 2010. Disponível em HTTP: www.ufu.br/economia/download. Pdf.



TERRITÓRIOS DE ESPERANÇA E LUTA: NOS ASSENTAMENTOS RURAIS

Francisco José Ferreira

Universidade Federal de São João Del Rei

f_ofer@hotmail.com

Palavras-chave: Território; Campo; Luta; MST; Assentamentos Rurais.

INTRODUÇÃO

Este resumo parte da discussão sobre a concepção de espaço e território na busca da construção do conceito de “Território de Esperança”. Mais precisamente, tomou-se como base dessa construção a concepção de espaço desenvolvida por Milton Santos. Segundo esse autor, o espaço é socialmente produzido, isto é, “criado pelo trabalho humano como natureza segunda, natureza transformada, natureza social ou socializada” (SANTOS, 1980: p.163), ou ainda, é “o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos naturais e artificiais” (SANTOS, 1996: p.71). Visto por este prisma, o espaço é compreendido na sua indissociabilidade com o tempo, indissociabilidade esta que se realiza, segundo Santos (1997), por intermédio das técnicas. Nesse sentido, o espaço é entendido como coexistência de tempos, tempos tecnológicos diferentes. Assim sendo, o espaço geográfico e o espaço agrário como um dos seus segmentos não constituem algo dado e acabado, mas algo dinâmico, um produto da ação do homem sobre a natureza e das relações que se estabelecem entre os homens através do processo de trabalho ao longo da história.

METODOLOGIA

Identificar os espaços de disputa e/ou de controle econômico, político e social dos grupos de confronto na questão da terra: de um lado, os latifundiários e, do outro, os camponeses, sejam eles pequenos produtores ou trabalhadores sem terra;

Perceber formas simbólicas-subjetivas de apropriação do território;

Dar visibilidade aos processos responsáveis pelos enfrentamentos e disputas por frações do território;

Identificar os processos de territorialização, des-territorialização e/ou reterritorialização, resultantes da luta entre capital e trabalho no campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nesses pressupostos, entende-se que no campo, o “Território de Esperança” é aquele conquistado e construído: pela luta de resistência camponesa para permanecer na terra; pela luta de ocupação de terra, promovida pelos trabalhadores sem terra; pela luta de consolidação das diferentes formas de agricultura camponesa. Essas diferentes estratégias simbolizam formas de “ruptura” com o sistema hegemônico, isto é, com a organização social, econômica e política pré-existente no agro brasileiro. Na verdade, trata-se de um território novo, construído com base na utopia e na esperança, “Território de Esperança”, “Território de Solidariedade” e também, parafraseando Félix Guattari, “Território de Desejo”, carregado de contradições, mas também de sinalizações de uma forma experienciada de organização social diferente daquela marcada pela subordinação, pela dominação, pela bestialidade da exploração. Trata-se, na verdade, de uma forma experienciada de organização social singular, de ordem “da sensibilidade pessoal ou da criação, da invenção de um outro modo de relação social, de uma outra concepção do trabalho social, da cultura, etc.” (GUATTARI e ROLNICK 1986:281). Território em movimento, vivo, que experiencia um processo contínuo de (re)criação, (re)definição, (re)delimitação. Território inacabado, por conseguinte, sujeito a contradições, avanços, retrocessos, ganhos e perdas.

A luta pela terra é um dos principais elementos para compreendermos a questão agrária. A ocupação e a resistência na terra são formas dessa luta. A reforma agrária é outro elemento da questão. Pelo fato da não realização da reforma agrária, por meio das ocupações, os sem-terra intensificam a luta, impondo ao governo a realização de uma política de assentamentos rurais.

Com isso os acampamentos são espaços e tempos de transição na luta pela terra. São, por conseguinte, realidades em transformação. São uma forma de materialização da organização dos sem-terra e trazem em si, os principais elementos organizacionais do movimento.

Predominantemente, são resultados de ocupações. São, portanto, espaços de luta e resistência. Assim sendo, demarcam nos latifúndios os primeiros momentos do processo de territorialização da luta. As ações de ocupar e acampar interagem os processos de espacialização e territorialização. Podem estar localizados dentro de um latifúndio ou nas margens de uma estrada, conforme a conjuntura política e a correlação de forças.

É com base nesse enfoque território, campo e assentamentos rurais que esse resumo desenvolveu-se partindo de premissas retiradas das leituras e diálogos de esperança em visita em assentamentos rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista da terra tem sido acompanhada de formas de organização popular que, apesar de ainda frágeis, estão criando nessas áreas o surgimento de bases para a constituição de territórios de esperança, onde a vida não seja comandada pelos nós da exploração, mas seja construída pelos laços de solidariedade, anunciando que outras formas societárias são possíveis. Mais do que anunciando, construindo a utopia de uma sociedade solidária tanto em relação com a geração presente quanto com as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

GUATTARI, F. e ROLNICK, S. **Micropolítica: Cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço – técnica e tempo – razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2ª ed. , 1997.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. S. Paulo: Hucitec, 4ª ed., 1996.